

Joana Rita Santos<sup>1</sup>, Daniela Carvalho<sup>1</sup>, Miguel Soares<sup>2</sup>, Rui Santos<sup>3</sup>, Sónia Miranda<sup>4,5,6</sup>, Inês Fonseca<sup>4,7</sup>, Pedro Moreira<sup>4</sup>, Hugo Vilhena<sup>4,5,6</sup>

1 – Aluna do Mestrado Integrado em Medicina Veterinária da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; 2 – Aluno do Mestrado Integrado em Medicina Veterinária do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto; 3 – Aluno do Mestrado Integrado em Medicina Veterinária da Universidade de Évora; 4 – Hospital Veterinário do Baixo Vouga; 5 – Departamento de Medicina Veterinária, Escola Universitária Vasco da Gama; 6 – Centro de Investigação Animal e Veterinária, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; 7 – Centro Veterinário Berna

**Introdução.** Com a evolução da abordagem diagnóstica e crescente preocupação dos proprietários relativamente aos seus animais de estimação, a oncologia tem ganho maior expressão na medicina veterinária. Um dos órgãos mais comumente afetados é o baço, por tumores primários ou metástases de outros tumores. De acordo com a bibliografia, aproximadamente dois terços das massas esplénicas são malignas e dois terços destas correspondem a hemangiossarcomas.

**Objetivos.** Realizar um estudo retrospectivo de cães com massas esplénicas / esplenomegalia e comparar os resultados com os já descritos na bibliografia.

**Materiais e Métodos.** Foram incluídos 59 cães com massas esplénicas / esplenomegalia diagnosticadas por ultrassonografia, que foram acompanhados no Hospital Veterinário do Baixo Vouga entre Janeiro de 2008 e Dezembro de 2015, nos quais foi realizada esplenectomia e análise histopatológica. A população analisada é constituída por 23 fêmeas e 36 machos, dos quais 43 cães de raça pura e 16 cães sem raça determinada (SRD), com idades compreendidas entre os 2 e os 16 anos.

**Resultados/Conclusões.** Dos 59 cães, 36 (61.0%) apresentaram tumores malignos. Destes, 24 cães (66.7%) apresentaram hemangiossarcoma esplénico. Os resultados obtidos neste estudo estão de acordo com o descrito em estudos anteriores. Os restantes casos de neoplasias malignas incluem sarcoma histiocítico (n=4), linfoma (n=3), fibrossarcoma (n=2), leiomiossarcoma (n=1), lipossarcoma (n=1) e histiocitoma fibroso maligno (n=1). Vinte e três animais (39.0%) apresentaram lesões esplénicas benignas, nomeadamente hematomas (n=9), congestão (n=2), baços acessórios (n=1), hiperplasia nodular benigna (n=8), hiperplasia nodular linfóide (n=1) e esplenite granulomatosa (n=2).

O estudo revelou que a percentagem de malignidade é superior em animais de raça pura do que nos cães SRD. No grupo dos cães de raça, 29 (67.4%) apresentaram neoplasias malignas, enquanto que a maioria dos cães SRD (n=9, 56.3%) apresentaram massas benignas. As raças Retriever do Labrador (n=11) e Boxer (n=9) foram as mais representadas no estudo. Destes, 81% dos cães da raça Retriever do Labrador e 78% dos cães Boxer apresentaram neoplasias malignas. A bibliografia refere uma predisposição racial do Pastor Alemão para o desenvolvimento de hemangiossarcomas esplénicos. Tal não foi observado no presente estudo. As diferenças observadas podem estar associadas a uma maior popularidade dos cães das raças Retriever do Labrador e Boxer em relação ao Pastor Alemão, ou a uma predisposição genética dos Labradores e Boxers para o desenvolvimento de neoplasias esplénicas malignas.

A média de idades no momento do diagnóstico foi de 10 anos, quer nos casos de massas benignas, quer nos casos de neoplasias malignas. Estes dados estão de acordo com o descrito em estudos anteriores, que revelam que as massas esplénicas são mais frequentes em animais geriátricos.

Relativamente ao género dos cães incluídos no estudo, 23 dos 36 machos (63.9%) e 13 das 23 fêmeas (56.5%) apresentaram tumores esplénicos malignos.